

O SUJEITO MARCADO PELA IDEOLOGIA NO POEMA “ESCURA-AÇÕES” DO POETA DAS MORENINHAS

SILVANE APARECIDA DE FREITAS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL-UEMS), MICHELA MITIKO KATO MENESES DE SOUZA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL).

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma leitura do poema “Escura-ações” do Poeta das Moreninhas, da Antologia Poética Afro Sulmatogrossense, cuja coletânea de poemas é intitulada *Negras Raízes Pantaneiras*, enfatizando a questão do sujeito regional marcado pela ideologia que o permeia. O referencial teórico a ser utilizado é a Análise do Discurso de linha francesa, abordando um sujeito social e histórico. Consideramos que o ser humano é constituído pela linguagem/língua e esta linguagem provém de uma formação histórica do sujeito, que só faz sentido se interagida no mundo entre os indivíduos. Somos capazes de apreender ou intuir diretamente a vida, mas seu sentido não pode captar-se nem expressar-se a não ser numa linguagem, seja ela qual for. (PRETI, 1987, 5). A linguagem é fundamentalmente dialógica e tem origem da oposição saussureana língua/fala, o que foi questionada no final da década de 20 (BAKHTIN, 1992). Partindo do princípio de que um discurso não se constrói por si só, mas é atravessado por um interdiscurso, o corpus a ser analisado neste trabalho será o referido poema, com o fito de interpretar a constituição dos sujeitos que formam o sujeito regional Afro Sulmatogrossense. Assim, verificou-se um sujeito que ora tem um discurso representativo de uma classe de indivíduos, ora um discurso que imagina ser só seu, homogêneo, próprio do seu eu negro. Portanto, percebe-se que o contexto sócio-histórico faz com que este sujeito lute por ações afirmativas, cotas, leis vivas em um Brasil de reparações.

Palavras-chave:

Discurso, Leitura, Poema.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é analisar o poema “Escura-Ações” do Poeta das Moreninhas, encontrado na Antologia Poética Afro Sulmatogrossense, cuja coletânea de poemas é intitulada *Negras Raízes Pantaneiras*.

Para realizar esta análise foi necessário buscar alguns fundamentos teóricos na Análise do Discurso (AD) de origem francesa, juntamente com a psicanálise, assim como definições teóricas sobre discurso, ideologia, sujeito discursivo. A pesquisa será bibliográfica. Ressaltamos que a Análise do Discurso resulta de uma interdisciplinaridade que envolve a Linguística, a História e também a Psicanálise.

1. Fundamentos do Discurso

O ser humano é constituído pela linguagem/língua, e esta linguagem provém de uma formação histórica do sujeito, que só faz sentido se interagida no mundo entre os indivíduos. Somos capazes de apreender ou intuir diretamente a vida, mas seu sentido não pode captar-se nem expressar-se a não ser numa linguagem, seja ela qual for. (PRETI, 1987, 5).

A linguagem é fundamentalmente dialógica e tem origem na oposição saussureana língua/fala, o que foi questionada no final da década de 20 pelo filósofo soviético Bakhtin. A partir deste período, surgiram vários linguistas e filósofos desenvolvendo estudos sobre a linguagem, tais como Chomsky, Jakobson e M. Pêcheux na década de 60, Halliday, Benveniste e Michel Foucault em 70 que aprimoraram e redirecionaram a teoria de Saussure.

O fundamento do discurso que abordaremos nesta análise será o definido por Foucault citado na obra *Discurso e Ensino* de Silvia H. B. Cardoso (2005) e Orlandi encontrado no livro *Análise do Discurso: reflexões introdutórias* de Claudemar A. Fernandes (2005).

Foucault *apud* Cardoso (2005, p. 22), concebe o discurso como “um conjunto de enunciados na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”, ou seja, para que o discurso se materialize é preciso um conjunto de condições de existência e de produções.

A essa altura, é importante destacar que Foucault *apud* Cardoso (2005, p. 22):

Concebe ainda o discurso como um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e esquiva, e também de luta; “o espaço em que o saber e o poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente.

Já Orlandi *apud* Fernandes (2005, p. 22), define a palavra discurso, baseando-se em sua origem etimológica, o que “tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Portanto, analisar o discurso significa interpretar os sujeitos falando em qualquer modalidade de linguagem e em todas esferas sociais, uma vez que esse discurso acompanha as transformações sociais e políticas, de todo universo que integra o homem. Temos, então, a materialização da ideologia no discurso, que,

por sua vez, se realiza em forma de texto pela linguagem. Conforme Fernandes (2005, p. 23), o

[...] discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma *linguístico-histórica*, tendo o discurso como o objeto. [...] As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem.

É neste contexto da condição sócio-histórica que o sujeito ocupa, ou seja, de diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais, é que se dão as variadas produções que envolvem o discurso. A seguir, buscaremos entender sobre a ideologia e o sujeito presentes no discurso.

Segundo Fernandes (2005), os sujeitos ou grupos sociais ocupam posições diferentes na História, sendo assim, as discordâncias que ocorrem entre os sujeitos resultam na chamada ideologia, que é inseparavelmente ligada ao discurso. O lugar histórico-social (contexto e situação) em que os sujeitos ou grupos sociais se encontram, determinando a produção de seu discurso que funciona como um aparelho socioideológico. Esse discurso refere-se

[...] de alguma coisa mais forte que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder. (ORLANDI *apud* Fernandes, 2005, p. 28).

Corroborando que essa posição, Fernandes (2005, p.29) afirma que a Ideologia é:

Uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta materializa-se naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologias a integram.

Para que possamos entender as posições ideológicas do sujeito, é preciso entender a noção de sujeito, pois um não existe sem outro, portanto na AD não devemos tratar de seres humanos individualizados e particulares, mas da existência real dos sujeitos em sociedade. Assim, nomeamos esse sujeito, de sujeito discursivo, um ser existente em um espaço social e ideológico, em certo momento da História e não em outro. Entende-se que “[...] a voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes

integrantes de dada realidade social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico". (FERNANDES, 2005, p. 34).

Para a AD, o sujeito é constituído por várias vozes sociais. É necessário entender as diferenças entre o sujeito falante e o sujeito falando. O primeiro trata-se do sujeito empírico, individualizado, que utiliza seu discurso no contexto sociocultural no qual tem existência. Já o segundo refere-se a um sujeito inserido em uma esfera sócio-histórica-ideológica, cuja voz é constituída de várias vozes. Assim, o sujeito discursivo não é homogêneo, seu discurso é realizado pelo cruzamento de diferentes discursos em oposição. À presença de diferentes vozes integradas, que na AD é denominado de sujeito polifônico, ou seja, as várias vozes que o constitui, logo, em oposição à homogeneidade, temos a noção de heterogeneidade, no caso é o ser constituído de posições sócio-ideológicas diversificadas.

Inicialmente, as diferentes vozes foram constatadas por Bakhtin em estudos desenvolvidos no romance de Dostoievski; surge, então, a noção de dialogismo, que de acordo com Brait *apud* Fernandes (2005, p.37) são "[...] as relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos".

Para Fernandes (2005, p. 37-38), o sujeito e o discurso

[...] resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entreteçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo, o que nos leva, com Bakhtin, à constatação de que o sujeito é polifônico. A linguagem será apreendida sempre em uma situação social e histórica, na qual e com a qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o "eu" e o "outro" são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhes a interação.

Fernandes (2005, p. 43) afirma que "o sujeito discursivo é plural, isto é, é atravessado por uma pluralidade de vozes e, por isso, inscreve-se em diferentes formações discursivas e ideológicas". Portanto, é nessa perspectiva que a identidade é entendida como não é estática, está sempre em um processo dinâmico de mutações e (trans) formações no cenário histórico-social.

Partindo desses pressupostos teóricos, em seguida, analisaremos o poema "Escura-ações" utilizando alguns dos conceitos apresentados pela AD.

2 ANÁLISE DO POEMA “ESCURA-AÇÕES” DO POETA DAS MORENINHAS

2.1 O Sujeito, Autor e o Poeta José Mauro Messias

Segundo, Salles (1998) e Messias (2000), José Mauro Messias da Silva, Poeta das Moreninhas, nasceu em Colônia Parede-MS, aos 26 de abril de 1974, filho de João Messias da Silva e Juraci Pereira Messias. Quatro anos mais tarde, mudaram-se para Coxim-MS, ali o poeta vivenciou um pouco de sua infância. Já no início da década de 80, mudou-se para Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul, precisamente para as “Moreninhas”, o bairro que aprendeu a amar, por isso batizado como Poeta das Moreninhas. Sua primeira obra intitulada “Páginas Douradas” (1997); seguida de “Emoções Contidas” (1998); “Trilha da Liberdade” (2000); “Miscelânea Poética” (2002); “Negras Raízes Pantaneiras” (2005), sendo esta última uma organização da Antologia Poética Afro Sulmatogrossense feita pelo próprio poeta. José Mauro era membro da U.B.E- União Brasileira dos Escritores, ANE- Associação de Novos Escritores, GRENI- Grupo Religioso Negros e Indígenas e também atuava como Conselheiro Estadual dos Direitos e Defesa do Negro- CEDINE, Secretaria do Estado de Justiça e Cidadania de Mato Grosso do Sul.

A partir de sua vivência nas Moreninhas, surgiu o trabalho intitulado “Pelo Reencantamento do Mundo”, em que o poeta, percorrendo o estado de MS, compartilhava seu dom da palavra e suas poesias para crianças, jovens, adultos e idosos. Foi assim que percebeu a presença forte da literatura de escritores negros, que havia em comum um sonho de um mundo mais justo equitativo, longe dos preconceitos raciais e sociais. Participou de alguns congressos da comunidade afro-brasileira, e acompanhou o processo de discussão sobre as cotas em Brasília nos anos de 2002 e 2003, entendia que as cotas seriam uma forma de reparação ao povo negro que sofreu e sofre até os dias de hoje a discriminação pela raça e a cor de sua pele. Não acreditava que as cotas seriam a solução de todos os problemas, mas sim um meio para novas conquistas de um povo massacrado, humilhado e esquecido pela História do Brasil.

José Mauro Messias faleceu em 03 de março de 2008 com 34 anos, na cidade de Campo Grande-MS, foi enterrado no cemitério do bairro das Moreninhas.

2.2 Análise Discursiva do Poema “Escura-Ações” do Poeta das Moreninhas

Segue o poema “Escura-Ações” do Poeta das Moreninhas, é importante ressaltar que se faz necessário, de antemão, que haja a leitura do poema para que o leitor faça a interação entre a letra e o discurso analisado, e assim, participar da produção dos sentidos desse poema.

Escura-ações

Negra pele escura

Por tantos discriminada,

Negra escura pele

Outrora maltratada.

Negra escura pele, pele escura...

Da resistência de um povo

Povo de alma pura!

Que busca um mundo novo:

Ações Afirmativas,

Afirmativas ações,

Não queremos esmola,

Queremos cotas, reparações.

Negra pele, pele de negros fortes!

Combatentes da morte,

Guerreiros negros,

Tripulantes do navio negreiro,

Edificadores de um país

Negros guerreiros...

Negros homens do dia e da noite,

Não temeste o açoite

Lutaste pela liberdade,
Pela vida, pela igualdade.

Tua voz ecoa,
Pelo mundo soa...

Em busca de dignidade
Rufando os tambores, ao som do berimbau...
Espera a liberdade, de verdade,
Pra viver melhor entre a sociedade.

De cabeça erguida
Tapa a ferida,
Ferida do passado,
Onde o negro era isolado, maltratado.
Chamado de preto, jogado no gueto.
E a força e a garra jamais foram vencidas.

Negro que enfrentou o tronco, a senzala,
Vamos pensar no futuro,
Ter direito a fala
E sair do anonimato, do escuro.

Sou negro, não sou minoria,
Sou a força e o progresso,
Sou a benfeitoria
De um país de sucesso.

País de ações Afirmativas
Leis Vivas,
Cotas, Ações.
Brasil de reparações!

Para iniciar esta análise é necessário entender o tempo histórico que foi escrito este poema. O movimento negro no Brasil há muito vinha lutando para conseguir algumas ações afirmativas junto ao governo brasileiro. No dia 09 de Janeiro de 2003, o presidente da República do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva sanciona a Lei nº 10.639 que altera a Lei 9.394 e passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. "26-A 'Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e Cultura Afro-Brasileira'." e "79-B O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

A partir desse contexto histórico, é possível entender, segundo a AD, o que o sujeito discursivo do poema quer dizer, de que lugar sócio-histórico-ideológico está falando, que ideologias atravessam esses dizeres, que pontos de vista defendem, e quais as diferentes vozes estão presentes neste discurso.

Iniciando pela leitura do título do poema "Escura-ações", a palavra "escura" remete-nos a cor da pele do negro e pode ter uma conotação de escuridão, dificuldades, tristezas, injustiças, escamoteação, uma vez que é justamente por causa da pele escura, que enfrenta vários problemas sociais no mundo em que vivemos; enquanto a palavra "ações" no plural é o que se espera de um Brasil Afro em suas raízes, politicamente consciente e moderno, uma nação capaz de reparar com ações efetivas e verdadeiras a história de uma raça, de um povo sofrido e humilhado e que agora espera por Leis vivas, que funcionem de fato a fim de melhorar a vida desta etnia.

Nas duas primeiras estrofes o sujeito do discurso reporta-nos à história de um povo que sofreu as agruras por ter a pele escura, mas que busca reescrever sua história e assim deseja uma nova oportunidade de viver dias melhores. A voz do povo negro está representada pelo sujeito falante, que é o ser individualizado.

Na terceira estrofe, o sujeito já não é único e se revela como parte da raça negra, junta-se às várias vozes do discurso e exige ações efetivas e justas nesse novo processo modificador rumo a nova história que espera ser vivida. Nesse contexto, temos a presença do sujeito falando, que é o sujeito inserido em uma esfera histórico-social.

Nas quatro estrofes seguintes, o sujeito falante torna a revelar as peculiaridades da etnia afro, e revive as memórias outrora vivenciadas durante toda a história, que os negros africanos enfrentaram entre o caminho e chegada no

Brasil. Povo esse que ajudou a construir o progresso de um país e que em troca lhes tomou a liberdade e dignidade de serem humanos, foram maltratados e esquecidos, abandonados ao próprio destino, a nação brasileira lhes concedeu a alforria no papel, mas os manteve escravos de seus destinos fracassados, tirou-os da senzala e deixou-os na sarjeta.

Na oitava estrofe o sujeito falante e o sujeito falando se entrecruzam nas suas vozes, unidos por uma única ideologia a luta para serem ouvidos e deixar a escuridão que os circunda, no propósito de conquistar seus direitos, direitos esses que lhes foram tolhidos durante toda a história.

Nas duas últimas estrofes, o sujeito falando domina o discurso e se assume como etnia, e após tantos sofrimentos, reconhece que esse mesmo país que lhes tomou a liberdade é o país que agora já procria seus descendentes, e em uma voz uníssona luta para adquirir do Brasil as reparações e benfeitorias para o povo negro que aqui mora e constrói a cada dia sua nova história.

Assim, essa raça que antes era puramente afro em suas raízes, se torna puramente afro-brasileira e, portanto, sujeito de sua nova história, em busca de uma sociedade contemporânea mais humana e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso nos dá ferramentas para melhor entender o sujeito e seu dizer. Dessa forma, compreender não só o ser como indivíduo, mas como uma complexidade histórica e social que é representada pelo sujeito.

No poema, representante de um gênero textual, o sujeito discursivo se apresenta constituído por vários sujeitos identificados num discurso heterogêneo em que o sujeito, ora se apresenta dono do seu dizer, ora representante de vários outros sujeitos representados nas diferentes vozes.

O indivíduo representa o mundo que o constitui e a habilidade em utilizar-se dos meios de comunicação na sua interação social. É no discurso que se materializa o que mais se aproxima do *eu* pelo ou por meio do *outro*. O pensamento só é concretizado quando se exterioriza na interação lingüística.

Reflexões acerca da situação do negro nada mais são do que vivências sentidas e marcas deixadas pela própria história da humanidade. Portanto, a letra do poema sob análise nos propicia a entender melhor o dizer do sujeito discursivo constituído histórico-socialmente no universo afro-brasileiro, em que a voz do sujeito negro, é, na verdade, a representação das várias vozes do povo negro, enquanto seres humanos individuais e que constituem uma etnia em sua maioria podada em seus discursos sociais e culturais, assim encontramos neste poema a minoria de uma voz representada pelo “eu-lírico” de um poeta negro, sujeito e conhecedor de sua história.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso reflexões introdutórias*. Goiânia, 2005.

FOUCAUL, M. *L' Order du discours*. Paris: Gallimard, 1971 *apud* CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; **MARCONI**, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MESSIAS, José Mauro. *Trilha da liberdade*. Campo Grande: Everest, 2000.

Negras raízes pantaneiras: pelo reencantamento do mundo/ Poeta das Moreninhas... [et. al.]. Campo Grande: UFMS, 2005. 212 p.; 20 cm – (Antologia afro sul-mato-grossense).

ORLANDI, E. interpretação- autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996 *apud* FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso reflexões introdutórias*. Goiânia, 2005.

SALLES, Aparecido; **SILVA**, Messias Mauro José. *Emoções contidas*, poesias e pensamentos. Campo Grande, 1998.